

## ***Imago in bello: as representações da guerra no Portugal tardo-medieval e renascentista***

Inês Meira Araújo<sup>1</sup>

*Centro de História da Universidade de Lisboa – CH-ULisboa*

### **Resumo**

A tese de doutoramento apresentada neste artigo tem como objectivo produzir uma análise do equipamento militar português durante os períodos medieval tardio e renascentista, procurando a sua progressão e desenvolvimento tecnológico, de forma a preencher lacunas de carácter historiográfico, mais propriamente no campo da história militar e, especificamente, no âmbito da teoria e da prática da guerra.

A partir desta observação detalhada do armamento utilizado em Portugal, ofensivo e defensivo, será delineado, em primeiro lugar, um catálogo de armas e serão designadas as tipologias fundamentais do equipamento de guerra usado à época, indispensáveis para o entendimento da sua progressão, considerado sempre o seu possível enquadramento na designada «revolução militar». A segunda vertente deste trabalho, mais próxima da metodologia própria da história da arte, irá abordar diversos tópicos, mormente de cariz imagético, e que se configuram como problemas fulcrais para o desenvolvimento da dissertação. Insere-se nesta parte do trabalho, nomeadamente, a análise das convenções artísticas incluídas nas obras alvo de estudo e a preocupação do artista ao nível da representação da realidade do equipamento de guerra coevo. Este problema de determinação dos elementos “reais” e “imaginados” está intimamente ligado a outras questões do estudo da história da arte, como a criatividade intrínseca do próprio artista, a intervenção do encomendante e o gosto estético em voga à época, vigente na iconografia. Este trabalho implicará, assim, um estudo aprofundado do contexto histórico-artístico, uma análise e arrolamento das diferentes formas de representação, um entendimento crítico dos objectivos propagandísticos e alegóricos das clientelas e um questionamento do programa iconológico subjacente, considerando sempre a atenção reservada pelos artistas às matérias bélicas, recorrente no contexto artístico ocidental.

### **Palavras-chave**

Representação – Guerra – Armamento - Iconografia

### **Abstract**

This PhD thesis intends to accomplish a study of the Portuguese weapons in the late medieval and early modern periods, and its diachronic evolution, to answer some historiographical questions that are still gaps in the military history studies, related to the theory and *praxis* of war.

Based on a detailed study of the military equipment, offensive and defensive, used by the Portuguese army, it will be compound, first, a catalogue of arms and armour and established the main typologies of weapons, key to understand its evolution, and its possible framework in the so-called “military revolution”.

Secondly, in a much more close art history approach, we will try to answer to a group of questions, which are mostly about imagery, but that are crucial for the understanding of the thesis subject. These questions include the determination of authenticity of the representations, which is also comprehend if the artists followed only the artistic conventions of the time or, on the contrary, if they seek a historic fidelity in the equipment represented on their works of art. This topic was connected as well with the significance of the hand of the artists on their works, with the importance of their clientele and also with the traditions of representation of the time, factors that could

---

<sup>1</sup> Investigadora do Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa - Referência FCT: UID/HIS/04311/2013) e bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com a referência SFRH/BD/52285/2013.

deceive the messages inserted in the iconographical sources. In this context, it is important to analyse the understanding of the artistic programmes, to survey the existing representation typologies, to recognize the propagandistic aims of the commissions of some works of art, to characterize the iconological programme in them, as well as to realize the reasons for the subject of war was always a matter of aesthetic attention.

**Keywords**

Representation – War – Weaponry – Iconography

1. OBJECTIVOS E QUESTÕES CENTRAIS

A presente investigação de doutoramento, orientada pelos Professores Doutores Vítor Serrão e João Gouveia Monteiro, tem por objectivo produzir uma reconstituição do armamento português do período tardo-medieval e renascentista, assente nas suas representações iconográficas, e estudar a sua evolução diacrónica, instrumental para dar resposta a um conjunto alargado de questões historiográficas que persistem como lacunas no âmbito dos estudos de história militar relativos à época, relacionadas com a teoria e a *praxis* da guerra e com as investigações no campo da história da arte.

Com base no estudo pormenorizado do equipamento militar, ofensivo e defensivo, utilizado pelo exército português, será produzido, em primeiro lugar, um catálogo de armas, e estabelecidas as principais tipologias de armamento, fundamentais para a compreensão da sua evolução à luz do seu possível enquadramento na chamada “revolução militar”. O entendimento da progressão do equipamento do guerreiro na iconografia contribuirá ainda para identificar os diferentes componentes do armamento, assim como para compreender as tácticas de guerra desenvolvidas e empregadas no período. Este estudo deve, também, iluminar sobre outras questões. Por exemplo, compreender de que forma a documentação aponta para uma verdadeira “revolução” dos costumes e práticas militares na transição da Idade Média para a Época Moderna; se este é, verdadeiramente, o período de afirmação das armas de fogo; se o pensamento militar em Portugal acompanhava os progressos verificados nos principais reinos europeus; se o armamento neurobalístico tradicional continuou a desempenhar um papel importante; e se é possível falar num autêntico exército profissional português nos séculos XV e XVI.

Em segundo lugar, numa abordagem mais tributária da história da arte, procurar-se-á responder a uma outra bateria de questões, que são sobretudo da ordem da imagética, não obstante centrais para o tratamento do tema. A começar pela determinação da autenticidade das representações, ou seja, compreender se os artistas seguiam apenas as convenções artísticas do período ou, antes, se procuravam a fidelidade histórica do equipamento representado. Uma questão que se liga com o problema da mão do artista na obra – seja no talento exibido, seja no controlo do resultado final –, com a vontade dos encomendantes e com as formas de representação do período, capazes de deturpar as mensagens inseridas nas fontes iconográficas. Neste contexto, importará fazer uma análise dos saberes próprios dos programas artísticos, levantar as tipologias de representações existentes (cercos, batalhas campais, figura individual do guerreiro), apreender os propósitos propagandísticos subjacentes à encomenda das obras, caracterizar o programa iconológico presente, assim como perceber as razões por que a guerra se constituiu como uma matéria de constante interesse estético.

Uma das considerações de partida colocada neste projecto assenta na identificação da especificidade do armamento utilizado no reino português, tendo em conta o poderio e domínio do seu exército durante a cronologia abordada. Nesta matéria, é plausível admitir um grande investimento da coroa na indústria armadora portuguesa, em alternativa ou complemento, a um crescimento da importação de armas dos principais produtores da época, nomeadamente situados na Itália e Alemanha. A conjectura pessoal de que o equipamento português teria características próprias parece, no entanto, ser mais ajustável ao armamento individual defensivo do que ao ofensivo. Isto porque, no caso da maioria das armas ofensivas, como as armas

de fogo, as bestas, os arcos ou as lanças, se acredita que seriam armas de características homogêneas em quase toda a Europa, umas mais avançadas do que outras, mas apresentando morfologias análogas.

Atendendo à escassa existência de tratados militares ou teóricos de guerra em Portugal durante a Idade Média, assim como à exiguidade de fontes escritas com informações concretas sobre a organização dos exércitos, a leitura crítica de representações da guerra afigura-se como uma forma válida de colocar novas questões e hipóteses acerca do pensamento tático em Portugal, e suas eventuais especificidades.

Quanto à delimitação cronológica que se propõe para este estudo, os séculos XIV a XVI, o *terminus a quo* liga-se com dois factores principais: no domínio artístico, o número crescente de obras de arte do período, com e sem representações bélicas; e, no domínio histórico, as alterações nos exércitos europeus que se desencadearam, *grosso modo*, a partir do século XIV, para muitos investigadores consideradas como uma verdadeira “revolução militar” – ainda que não se trate de matéria consensual para os especialistas nacionais e internacionais.<sup>1</sup> O *terminus ad quem* possibilitará a acumulação de um quantitativo bastante significativo de representações da guerra sobre as quais podemos incidir a análise. Para além disso, por extrapolação dos dados já consignados acerca de imagens ligadas à guerra em Portugal e pelas próprias condições de conservação dos arquivos e obras artísticas, é de prever que a documentação quinhentista seja a mais abundante, dada a profusão de conflitos armados desencadeados além-mar, mas não só. Tal resultou num importante desenvolvimento das matérias da guerra em Portugal e num interesse crescente dos encomendantes e dos artistas pelo tema.

Mais concretamente, o limite cronológico inicial será colocado em 1385, ano em que decorre a Batalha de Aljubarrota, e a baliza final no ano de 1571, aquando do desencadeamento da Batalha de Lepanto. Estas fronteiras temporais estão intimamente ligadas com os objectivos principais da dissertação de doutoramento. Permitem uma observação do fenómeno da guerra a três tempos – tardo-medieval, proto-moderno e moderno –, focando os progressos militares num grupo específico de batalhas, que permitirão obter uma panorâmica definida dos acontecimentos. Primeiramente, será observada a problemática tardo-medieval, focando a atenção em Aljubarrota, um conflito representado tanto na iconografia portuguesa como na estrangeira. Depois, será analisado o período que medeia entre o século XV e a primeira metade do século XVI, a partir de representações específicas de conflitos armados, adicionalmente pontuados com imagens de figuras militares, que auxiliarão a compreensão do processo evolutivo das dinâmicas militares. O percurso termina em Lepanto, uma contenda marcada pela presença de diversas forças europeias em confronto com o poderoso exército otomano, no que configura um momento de viragem em contexto político-militar na Europa. O seu impacto na iconografia europeia é, também, um reflexo disso mesmo, o que torna a batalha de Lepanto num ponto incontornável desta observação, sobretudo no que se refere à vertente comparativa da tese.

O longo período cronológico abarcado neste projecto, atravessando três séculos, foi definido tendo em conta, também, a problemática da escassez de fontes do período medieval, e o seu aumento considerável nos períodos subsequentes. Para além do aumento quantitativo previsível, a informação do século XVI tende a ser mais diversificada e aprofundada, já que as fronteiras portuguesas se alargaram, então, a novos territórios. Foram necessárias adaptações ao armamento desenhado para combate no continente europeu a estas novas realidades.

---

<sup>1</sup> Sobre este assunto veja-se Geoffrey Parker, *The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800* (Cambridge [England]; New York: Cambridge University Press, 1988); David Parrott, *The Business of War: Military Enterprise and Military Revolution in Early Modern Europe* (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2012).

## 2. ESTUDOS FUNDAMENTAIS

A iconografia da guerra, em geral, e a do período medieval, em particular, configura ainda um campo de investigação praticamente inexplorado no panorama da História da Arte, em termos nacionais como internacionais. Foi a nossa formação de base em História da Arte, adicionada a um interesse crescente na História Militar, que suscitou a discussão sobre a importância das fontes iconográficas como meio de obter informação crucial para o entendimento específico do equipamento do exército medieval e renascentista. Verificando que não existia em Portugal nenhum estudo focado nas representações da guerra, nem uma abordagem definitiva sobre o armamento medieval e renascentista utilizado, e ainda que as fontes escritas e arqueológicas se mostravam escassos neste domínio, considerou-se que um estudo de conjunto das imagens de cariz bélico, seguindo uma abordagem comparativa, seria a forma mais exacta de adquirir resultados concretos nestas matérias.

As lacunas identificadas não significam que a temática da guerra no Portugal tardo-medieval e renascentista tenha sido ignorada. Há, com efeito, um importante núcleo de estudos na matéria, como demonstram os trabalhos de João Gouveia Monteiro,<sup>1</sup> Mário Jorge Barroca,<sup>2</sup> Miguel Gomes Martins,<sup>3</sup> Luís Miguel Duarte,<sup>4</sup> João Marinho dos Santos<sup>5</sup> ou Rui Bebião.<sup>6</sup> Contudo, o olhar sobre as fontes iconográficas nacionais com representações bélicas, para este período cronológico, permanece pouco mais do que incipiente.

Na generalidade, os estudos de História Militar não recorrem às obras artísticas como fontes históricas, mas apenas as usam como complemento à documentação escrita e aos artefactos arqueológicos, ou encaram-nas simplesmente como uma forma de ilustração de uma ideia ou posição. Por outro lado, as informações iconográficas tendem a ser contempladas com desconfiança e apreensão, devido aos programas estéticos e ideológicos dos artistas e dos encomendantes. No entanto, as vantagens de utilização da iconografia nos estudos de História Militar, e do armamento em particular, são evidentes: informam sobre a morfologia das armas, alcances, tipologias específicas, manejo do equipamento militar, proveniência do material de guerra, a sua utilização para fins marciais mas também propagandísticos, e ainda dão notícias sobre elementos heráldicos, organização interna dos corpos militares, posicionamento das tropas no campo de batalha, entre outras. Mais, a implementação de um trabalho interdisciplinar, onde a iconografia se junta à documentação escrita, permitirá um trabalho mais completo de definição de tipologias de armas, descritas e representadas.

A catalogação de armas, a partir da iconografia, que aqui se pretende desenvolver, tem antecedentes na exposição *Pera Guerrejar*,<sup>7</sup> na qual foram apresentadas as principais obras de arte com motivos militares, de produção portuguesa ou situadas em território português, datadas do período medieval. Nesta mostra foram considerados vários suportes artísticos, assim como artefactos arqueológicos. Para além deste catálogo, no âmbito específico do estudo das

---

<sup>1</sup> João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média* (Lisboa: Notícias, 1998).

<sup>2</sup> Mário Jorge Barroca, «Armamento Medieval Português. Notas sobre a evolução do equipamento militar das forças cristãs», em *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português* (Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000), pp. 37–76.

<sup>3</sup> Miguel Gomes Martins, *A arte da guerra em Portugal: 1245 a 1367* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014).

<sup>4</sup> Luís Miguel Duarte, «África», em *Nova História Militar de Portugal*, Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. I (Lisboa: Circulo de Leitores, 2003), pp. 392–441.

<sup>5</sup> João Marinho dos Santos, *A guerra e as guerras na expansão portuguesa: séculos XV e XVI*, 1a ed (Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998).

<sup>6</sup> Rui Bebião, *A pena de morte: escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)* (Coimbra: Livraria Minerva, 2000).

<sup>7</sup> Câmara Municipal de Palmela e Museu Nacional de Arqueologia, *Pera guerrejar: armamento medieval no espaço português : exposição* (Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000).

representações da guerra, o trabalho do investigador espanhol Álvaro Soler del Campo, *La Evolución del Armamento Medieval*,<sup>1</sup> afigura-se imprescindível. Após um inventário das representações bélicas, Soler del Campo procedeu, em primeiro lugar, a uma descrição do armamento ofensivo e defensivo, procurando as analogias e disparidades existentes entre o armamento cristão e muçulmano. Ao mesmo tempo, delineou o processo evolutivo deste equipamento, entre os séculos XII e XIV, utilizando a iconografia como fonte principal. Este estudo serve como um dos principais modelos para a tese aqui apresentada, não obstante ocupar-se de uma cronologia mais recuada e de uma geografia precisa.

Outro exemplo de um estudo que reúne a História Militar e a História da Arte é a obra *Artists and Warfare in the Renaissance*, da autoria de J. R. Hale.<sup>2</sup> Este trabalho põe o enfoque nas representações da guerra alemãs e italianas, enquanto procura compreender o impacto que os aspectos visuais e emocionais da guerra conferiram aos programas pictóricos: na representação do guerreiro mas também, nos teatros de guerra, nas campanhas, nas conquistas e nas derrotas. Da mesma forma, tenta compreender o porquê de as matérias da guerra, e mais concretamente os combatentes, se terem tornado, então, um objecto de cada vez maior interesse estético e matéria de representação artística.

Este último estudo é, em certa medida, o que mais se relaciona directamente com o campo da História da Arte, já que analisou as representações não apenas com a finalidade de adquirir informações sobre história militar, mas observou-as também num sentido inverso, procurando entender como os artistas olharam para os conflitos bélicos e como os encaixaram nas suas obras. O artista e a sua obra tornaram-se, aqui, o ponto central da investigação, em detrimento do cenário de guerra. Ou seja, o autor nem sempre se preocupou com a veracidade dos elementos representados; buscou antes a visão do artista, a forma como este viu e sentiu o conflito. Foi, portanto, uma abordagem divergente da de Soler del Campo, que utilizou as imagens como fonte documental do seu estudo, desvalorizando o discurso artístico e o impacto que a guerra teve no pensamento estético do período em estudo. Nesta tese há a intenção de conciliar estas duas abordagens: realista e alegórica.

Por outro lado, o problema central deste projecto insere-se num amplo debate internacional sobre o conceito de revolução militar, que já encontrou eco nos trabalhos, por exemplo, de João Gouveia Monteiro, Luís Miguel Duarte ou Miguel Gomes Martins, em Portugal<sup>3</sup>. Com efeito, um profícuo contexto de transformações bélicas marcou a Cristandade na transição da Idade Média para a Idade Moderna ao nível da organização e formação militares, dos modelos estratégicos e táticos e, como não poderia deixar de ser, do armamento individual e colectivo. A teoria da revolução militar, inicialmente levantada por Michael Roberts em 1955,<sup>4</sup> que a localiza nos finais do século XVI e em volta das reformas táticas do exército holandês, continua a ser uma temática não consensual na historiografia militar medieval e moderna, sobretudo no que se refere à cronologia e aos factores que desencadearam este ponto de viragem. Vários especialistas se debruçaram sobre este tema e criticaram a teoria inicial de Roberts. Internacionalmente, quem mais se destacou neste debate foi Geoffrey Parker,<sup>5</sup> que defendeu um alargamento do “período revolucionário da arte militar” para os inícios do século XVI, até finais do século XVII, mas também Andrew Ayton e J. L. Price discutiram o problema.<sup>6</sup> Os dois últimos questionaram a hipótese desta viragem

---

<sup>1</sup> Álvaro Soler del Campo, *La evolución del armamento medieval en el Reino Castellano-Leonés y Al-Andalus (siglos XII-XIV)* (Madrid: Servicio de publicaciones del E.M.E., 1993).

<sup>2</sup> J. R. Hale, *Artists and Warfare in the Renaissance* (New Haven: Yale University Press, 1990).

<sup>3</sup> Monteiro, *A guerra em Portugal*; Duarte, «África»; Martins, *A arte da guerra em Portugal*.

<sup>4</sup> Michael Roberts, *The Military Revolution, 1560-1660; an Inaugural Lecture Delivered before the Queen's University of Belfast* ([Belfast]: M. Boyd, 1956).

<sup>5</sup> Geoffrey Parker, *The «Military Revolution», 1560-1660: A Myth?* (Chicago: University of Chicago Press, 1976).

<sup>6</sup> Andrew Ayton e J. L. Price, *The Medieval Military Revolution: State, Society and Military Change in Medieval and Early Modern Europe* (London; New York: I.B. Tauris, 1995).

ter a sua origem ainda no período medieval, conjecturando até a existência de uma “revolução na artilharia” devido aos desenvolvimentos das armas de propulsão pirobalística e das suas consequências ao nível do pensamento militar medievo.

As principais características da teoria radicam no crescimento dos exércitos; na profissionalização visível de alguns corpos, em detrimento do recrutamento *ad hoc*; na crescente duração das campanhas militares; na massificação de armas de fogo; na longevidade temporal dos cercos, provocado pelo maior equilíbrio entre forças sitiadas e sitiadas; no destronar da cavalaria como núcleo principal dos exércitos, ocupado pela infantaria. Atendendo a que estas variações graduais do pensamento militar europeu se deram num período temporal muito extenso, *grosso modo*, entre inícios do século XIV e finais do XVIII, muitos especialistas questionam o conceito específico de revolução, considerando-o apenas como um conceito operativo, preferindo observá-lo apenas como um fenómeno de constantes evoluções e modificações num largo espectro cronológico. A pesquisa que agora se inicia, especificamente apontada para o caso português, poderá trazer respostas para algumas destas questões que envolvem o armamento, sobretudo no que diz respeito às armas de propulsão pirobalística, aos problemas de recrutamento e composição dos exércitos, às tácticas de guerra em campo aberto e cerco na transição entre a medievalidade e o Renascimento.

### 3. FONTES DOCUMENTAIS E QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para atingir os objectivos estabelecidos para a investigação, decidiu-se, em termos metodológicos, analisar as diversas tipologias de fontes iconográficas existentes em Portugal, nos seus vários suportes e técnicas artísticas, para compreender o armamento envergado pelas diferentes unidades militares constituintes da hoste real portuguesa, assim como a sua posição em campo de batalha, as formas de combate e as tácticas de guerra, entre outras possíveis conclusões. Como procedimento para o levantamento do conjunto das fontes iconográficas, na falta de um repositório das obras artísticas existentes em território nacional, recorrer-se-á a inventários parcelares, em versão digital ou em papel, e a bases de dados disponíveis *on-line*.

Para um entendimento mais profundo das problemáticas levantadas pela iconografia, será imprescindível recorrer também às fontes escritas e arqueológicas disponíveis. Para obter um conjunto sólido de dados, será necessário fazer incidir a investigação sobre um número vasto e diversificado de fontes - iconográficas, arqueológicas e escritas -, a estudar em articulação e complementaridade. No que se refere às fontes escritas, as fontes narrativas e literárias são as mais relevantes. Nas narrativas incluem-se, sobretudo, a crónica e os relatos, onde surgem várias descrições de batalhas, conquistas e explorações, com referências a tácticas e armamento utilizado. Nas fontes literárias, os romances de cavalaria são os que contêm informações mais úteis, pois descrevem pormenorizadamente o equipamento militar das personagens. Entre as restantes fontes escritas, há que considerar, por exemplo: testamentos e obituários, que contêm descrições de patrimónios individuais, dentro dos quais se incluem, por vezes, peças de armamento; fontes normativas, como as ordenações, que referem as armas obrigatórias nos regimentos, assim como a forma de organização e movimentação do próprio exército; e documentos avulsos ou incorporados em Chancelarias Régias, como doações, privilégios ou cartas de quitação (onde são arrolados objectos, entre os quais se incluem, por vezes, peças de armamento), nos quais se percebem referências a conflitos, confrontos, conquistas militares, organização das *mesnadas* de nobres e episódios históricos.

Considerando a longa cronologia de trabalho, 1385-1571, seria incomportável proceder a uma leitura exaustiva de toda a documentação manuscrita existente entre as duas balizas temporais. Assim, foi necessário o estabelecimento de critérios, ainda que mais ou menos flexíveis, de forma a determinar o corpo de fontes documentais a explorar. Primeiramente, privilegiar-se-ão os fundos das Chancelarias Régias, em

detrimento de outros grupos de documentos. Serão consultadas, na íntegra, as chancelarias, já publicadas, de D. Duarte<sup>1</sup> e de D. João I,<sup>2</sup> assim como uma das chancelarias ainda não publicadas, possivelmente a de D. João II, porque o seu reinado constituiu um tempo inequívoco de alterações profundas no quadro militar. As restantes Chancelarias Régias serão consultadas de forma parcelar, a partir dos índices descritivos de cada documento, e das bases de dados existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Será, ainda, dada prevalência às cartas de quitação por configurar a tipologia de documentos em relação à qual existe uma maior probabilidade de apresentar descrições, listagens, preços, proveniências de peças de armamento. Para além disso, serão consultadas integralmente os diversos compêndios de documentos para o período em estudo,<sup>3</sup> nos quais estão incluídas transcrições de documentos provenientes dos fundos da Torre do Tombo, inclusivamente das chancelarias, e de outros arquivos nacionais e internacionais. O trabalho de levantamento de Francisco Marques de Sousa Viterbo, *A Armaria em Portugal*,<sup>4</sup> publicado em dois fascículos diferentes, pela sua especificidade temática focada no estudo dos armeiros, irá ser um tópico central para esta dissertação de doutoramento. Configura uma colectânea basilar no levantamento documental pretendido.

Do mesmo modo, as fontes escritas que podem ser apelidadas de didácticas, como os livros de pirotecnia e a tratadística existente sobre a arte da guerra, torneios e caça, podem vir a assumir algum relevo no âmbito projecto, ainda que, para o caso português, essas obras sejam escassas. Para além destas fontes, há outros documentos escritos que contêm menções ao armamento. Para o período em apreço, os mais importantes são a obra de D. Duarte, *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela*, e o *Livro de montaria feito por el-Rei D. João I de Portugal*. Já em termos de fontes normativas, as Ordenações eduardinas, afonsinas e manuelinas, contêm informações indispensáveis para o entendimento das obrigações e proibições da organização militar, em geral, sobre estratégias e táticas de guerra, e acerca da própria organização do exército português. Para suprir potenciais lacunas, é possível que seja necessário o reforço de uma perspectiva comparativa face a outras Coroas sincrónicas ao estudo. Assim, a consulta de fontes estrangeiras, nomeadamente iconográficas e arqueológicas, poderá adquirir um peso maior face a uma eventual insuficiência de fontes.

A interdisciplinaridade será uma outra equação fundamental a considerar no processo de pesquisa. O cruzamento disciplinar é obrigatório, pois não seria possível incluir o estudo no âmbito de apenas uma disciplina. Sendo um trabalho complexo, com várias dimensões e perspectivas, será necessário convocar várias formas de observar e abordar a temática. Assim, decidiu-se inscrever este projecto num ramo específico da História – a História Militar –, onde convergem vários aspectos e assuntos, desde a História Social, passando pela História Cultural, até à História Política e Económica. A metodologia seguida combina, pois, as várias vertentes da História, não se encontrando no âmago de nenhuma delas, mas antes flutuando entre umas e outras.

Já Claude Gaier havia proposto uma ligação análoga, entre o armamento e as diversas áreas da História,<sup>5</sup> amplamente sufragada nesta investigação, mostrando como

---

<sup>1</sup> *Chancelarias portuguesas. D. Duarte* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 1998).

<sup>2</sup> *Chancelarias portuguesas. D. João I* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2004).

<sup>3</sup> Tomando como exemplo, *Portugaliae Monumenta Histórica, Descobrimientos portugueses: documentos para a sua História, Monumenta Henricina, As Gavetas da Torre do Tombo*.

<sup>4</sup> Francisco Marques de Sousa Viterbo, *A Armaria em Portugal. Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. 1. Notícia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal* (Lisboa: Typ. da Academia, 1907); Francisco Marques de Sousa Viterbo, *A Armaria em Portugal. Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. 2. Notícia documentada dos fabricantes de armas de arremesso e de fogo, besteiros, viroteiros, arcabuzeiros, espingardeiros, etc. que exerceram a sua indústria no nosso paiz* (Lisboa: Typ. da Academia, 1908).

<sup>5</sup> Claude Gaier, *Les armes* (Turnhout: Brepols, 1985).

o estudo das armas pode trazer relevantes contributos historiográficos. Cruzou o armamento com a História Militar, apontando a forma como esta foi influenciada pelos estudos específicos sobre equipamento militar, e como a análise das armas contribuiu, por exemplo, para a definição dos conceitos de tática e estratégia de guerra e das várias formas de combate, ou como a evolução do armamento desencadeou o desenvolvimento e robustecimento das fortificações. Relacionou também o equipamento militar com a História Social, discernindo os vários estratos sociais e identificando as diversas hostes que compunham o exército através da diferenciação, diversidade e tipologia de armamento. Recorrendo à simbólica de algumas armas, na perspectiva da aristocracia, procurou, além do mais, mostrar como a sua utilização, conservação, transmissão ou alienação, pode ser útil para o estudo da História das Mentalidades. Ligou ainda o equipamento bélico à História Económica, sublinhando o papel económico das manufacturas e da própria indústria de produção do armamento.

A perspectiva de Gaier é particularmente importante para esta investigação porque olha para as potencialidades da História da Arte não apenas como um repositório de informação para o estudo do armamento, mas também considera o armamento como uma forma artística *per se*, incluído na categoria das artes decorativas, sobretudo no que se refere ao equipamento de parada, profusamente ornamentado e preparado com a espectacularidade que uma celebração ou desfile requeria. Mais ainda do que esta perspectiva, considera-se importante a visão metodológica de Gaier em relação ao armamento representado, pois se este constitui uma esplêndida fonte de informação para a investigação histórica, em contrapartida, as armas fornecem uma importante forma de datação para as próprias obras artísticas. Há que acrescentar a este panorama que a análise das armas representadas, através do estudo das suas formas, decoração, traço, cor e perspectiva, pode constituir um caminho para a identificação da autoria das peças, ainda que esta não seja uma valência exclusiva do armamento de guerra.

Nesta perspectiva, a História da Arte surge como uma ciência auxiliar incontornável para o estudo do tema, devido à funda incursão que permite nas fontes iconográficas. Os contributos dos estudos artísticos para a investigação têm que ver, sobretudo, com o auxílio que proporcionam à leitura e datação das obras de arte. O reconhecimento destas potencialidades torna obrigatório o uso dos métodos específicos de observação da História da Arte na tese, nomeadamente no que se refere à consideração dos discursos iconográficos e iconológicos das imagens. No quadro da análise do *corpus* visual a objectivar neste projecto, os métodos da História da Arte aparecem como vitais para o entendimento e identificação dos utensílios militares representados e para a identificação da sua cronologia, como ainda para estabelecer o contexto onde se inserem estes objectos, assim como para determinar o seu valor. Também os conhecimentos ligados aos estilos artísticos do período, aos artistas e ao seu traço, às convenções artísticas da época, aos principais encomendantes e produtores de obras de arte, aos materiais e suportes em voga, à circulação e comércio de objectos iconográficos, são valências necessárias a este estudo, remetendo directamente para a teoria e as metodologias da História da Arte.

O estudo e tratamento de um significativo contingente de informações relativas ao armamento obrigaram à construção de um instrumento de recolha de dados, arquitectado especificamente para esse efeito: uma base de dados informática, desenhada a partir de parâmetros muito precisos. O suporte informático será composto por duas tabelas principais, divididas em campos, segundo os critérios estipulados para o tratamento da documentação, e que se correlacionam entre si de forma a responder ao complexo questionário deste projecto. No final, além de agregar a informação, a base de dados permitirá a extracção de relatórios, quadros e gráficos, em função de diversas variáveis pré-definidas. Outro dos objectivos deste levantamento digital dos documentos passa pela concepção de uma tábua cronológica do equipamento militar

português ao longo dos três séculos abordados no estudo, baseada nos esquemas visuais concebidos por Álvaro Soler del Campo.<sup>1</sup>

#### 4. ESTRUTURA PRELIMINAR

Relativamente à organização e disposição dos assuntos referidos nesta tese, foi elaborada uma estrutura preliminar. Divide-se em cinco partes principais, que tratam assuntos determinados e complementares, ainda que diversos. A primeira parte intitula-se *Perspectivas e métodos*, subdividindo-se em dois capítulos. Os problemas abordados nesta secção têm, portanto, que ver, de forma muito genérica, com as questões de documentação disponível na cronologia em estudo. Especificamente para o território português, pretende-se abordar as fontes relevantes para o estudo do equipamento militar e as informações retiráveis desses documentos. Nestes subcapítulos será efectuada uma menção específica às fontes iconográficas, onde se argumenta sobre as várias categorias existentes de imagens possíveis de análise para um estudo de armamento e quais as vantagens da sua utilização, sempre complementadas pela inventariação das fontes escritas e arqueológicas.

Por sua vez, a tese apresentará duas partes totalmente dedicadas à iconografia. A primeira, tem o objectivo de definir concretamente o que se entende por “imagem de guerra” ou por “representação da guerra”, assim como providenciar uma panorâmica do enquadramento artístico em que as peças se inscrevem. Pretende-se, por um lado, anunciar o corpo de fontes iconográficas, apresentá-lo e questioná-lo na perspectiva dos seus diversos públicos. Isto é, compreender a representação de guerra ou de homens armados no seu tempo, de uma forma mais ou menos alargada, enquadrando-os no contexto da sua utilização. Esta segunda parte da tese tem uma função de enquadramento. Visa, de maneira estruturada e problemática, apresentar os artistas que serão referidos ao longo da tese: os que seleccionaram a guerra como tema principal ou que incluíram homens armados nas suas composições. Ao mesmo tempo, julgou-se necessário propor uma visão de conjunto e questionar as imagens, conjugando o gosto e o estilo dos próprios artistas em relação ao panorama europeu das suas épocas, nomeadamente no que se refere à influência externa e à circulação de modelos, assim como apurar os contactos efectivos com outras geografias europeias. Neste contexto, pretender-se-á expor as temáticas artísticas em que os assuntos bélicos surgem reflectidos e quais os fundamentos para esse fenómeno, assim como compreender o impacto destes assuntos na composição de determinados objectos. Para além disso, esta parte da tese terá um conteúdo mais teórico de conceptualização das representações de guerra, abordando os propósitos da sua encomenda e o impacto das imagens em questão sobre o público consumidor, assim como as matérias de foro estético, considerando problemáticas de autoria, influências de gosto, cânones artísticos.

Recuperando a premissa de J. R. Hale de que as imagens de guerra configuraram, em algumas zonas da Europa, um verdadeiro estilo artístico por si, pretende-se questionar se esta perspectiva é aplicável ao caso português, mesmo considerando o número bastante reduzido de iconografia bélica conhecida. Será discutida essa insuficiência de peças e representações, à luz de um possível desinteresse dos artistas e das suas clientelas nas temáticas militares, em benefício de objectos de pendor religioso.

Noutro sentido, o método comparativo será essencial para compreender os fundamentos da importância atribuída à guerra em geografias onde o conflito armado foi uma constante, quando em Portugal tal não se verificou, concretamente no século XVI, época em que o território não apresentou contendias militares no interior das suas fronteiras europeias.

---

<sup>1</sup> Soler del Campo, *La evolución del armamento medieval en el Reino Castellano-Leonés y Al-Andalus (siglos XII-XIV)* (Madrid: Servicio de publicaciones del E.M.E., 1993).

Por seu turno, através de uma leitura iconológica dos diversos exemplos artísticos portugueses, há o objectivo de delinear as razões para a preferência pela guerra como forma de transmissão de mensagens de poderio pessoal ou colectivo, de conquista, de combate ao infiel, de simbolismo, de caracterização de grupo sociais e religiosos, de comunicação política, de aproveitamento e aproximação às grandes figuras da Antiguidade Clássica e personagens bíblicas. Pretende-se questionar a inclusão frequente destas personagens em cenas de conflito, compreender as suas mensagens simbólicas e subliminares, e o seu impacto na composição e sobre o seu público-alvo. Neste domínio parece também pertinente reflectir sobre a idealização da guerra e dos militares figurados nas composições artísticas, embora mantendo sempre presente a realidade dos factos e a consciência das manifestações de criatividade dos artistas e dos seus encomendantes. Para além disso, serão abordadas questões ligadas à circulação de modelos artísticos na Europa e de que forma afectaram os artistas com oficinas estabelecidas em território português. Mais uma vez, o método comparativo será imprescindível para o entendimento das influências estrangeiras nas formas de representação dos artistas portugueses, tal como para o entendimento da recepção das considerações estéticas da Antiguidade Clássica, que influenciaram largamente a imagem militar europeia.

A IV parte da tese servirá para uma breve introdução ao pensamento militar propriamente dito, tal como era exposto, desde os finais do século XIV até meados do XVI. Consiste num enquadramento geral das principais problemáticas da teoria e prática da guerra, abordando, mormente, as temáticas e conflitos representados e as tipologias de guerra mais frequentes. Este capítulo responderá a uma das questões principais da tese relacionada com as evoluções e alterações militares sentidas nos finais da Idade Média e Renascimento, factores que terão desencadeado, possivelmente, a referida “revolução militar”. A partir de três campanhas principais, datadas de cronologias diferentes (uma dos finais do século XIV, outra de meados do XV, outra do XVI), vai-se perseguir o objectivo de perceber se existe uma transformação visível da guerra e da sua representação nesse intervalo temporal e, se for possível verificar esse fenómeno, definir quais as modificações sentidas no campo militar e artístico.

A quinta e última parte da tese focará a atenção apenas no armamento. Serão abordados dois grandes eixos temáticos primaciais: em primeiro lugar, a produção de armas, o estabelecimento de armeiros, a comercialização dos objectos e das matérias-primas, os materiais e técnicas utilizadas; e, em segundo lugar, estabelecer as tipologias de armas utilizadas, conferindo o seu reflexo na iconografia. Neste capítulo será mais evidente a relevância da documentação visual para a investigação. Neste ponto, tal como acontece no resto da tese, será dada prevalência ao armamento pessoal. Será realizada uma análise detalhada das diversas tipologias de armas representadas na iconografia, efectuando um cruzamento constante com a documentação escrita. É de esperar que a esmagadora maioria das peças figuradas seja de cariz cerimonial, marcadas pela profusa ornamentação e pelas formas pouco práticas e maleáveis para o desempenho do combate armado. No entanto, outras tipologias de equipamento serão possíveis de aferir, nomeadamente usadas na representação de cenas de justa ou de montaria.

Assim, serão apresentadas duas formas de caracterização das peças: uma, de maior espectro, analisando as peças em quatro grandes grupos que necessariamente reflectem a sua finalidade prática, mas também diferentes concepções estéticas e utilitárias; e, um segundo conjunto, que segue o critério tradicionalmente utilizado pelos historiadores militares, em categorias mais específicas, dividindo as armas nas suas dimensões bélicas, ou em função da sua utilização no campo de batalha. Depois, será tentada uma reflexão sobre o progresso do armamento entre a medievalidade e o renascimento. De que forma aconteceu essa evolução? Que armas efectivamente evoluíram? Que corpos militares específicos foram criados? De que modo as armas influenciaram a progressão da guerra?

Finalmente, e após a conclusão, serão apresentados os anexos que complementam o estudo do armamento: quadros, gráficos, transcrições e imagens, por sua vez acompanhados por um glossário de armas, de forma a facilitar a compreensão das diversas tipologias e denominações das armas referidas.